

Alimentos já sobem com o calor, e cenário de inflação para 2024 piora

CLIMA PESA NO BOLSO

CALOR AFETA INFLAÇÃO

Preço de alimentos sobe, e piora cenário para 2024

VITOR DA COSTA, LETICIA LOPES E JOMO SORIMA NETO

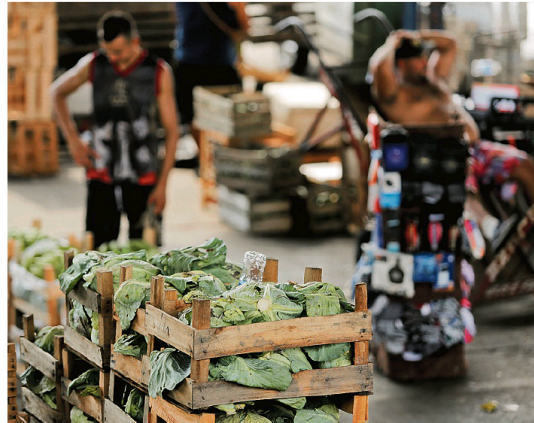
Os recentes eventos climáticos, como as ondas de calor no Centro-Oeste e as chuvas abundantes no Sul, tendem a pressionar os preços de alimentos no fim deste ano e nos primeiros meses de 2024, segundo as projeções de economistas.

Os efeitos já são percebidos nos preços de produtos in natura, como hortaliças e tubérculos, e devem impedir queda mais acentuada dos alimentos no acumulado do ano. Para 2024, que se espera é um impacto maior no primeiro trimestre, que tende a se dissipar com a chegada do outono. André Braz, coordenador dos índices de Preços do FGV Ibré, estima que a inflação de alimentos em domicílio encerre o ano com queda de 2,5%. Em 2024, prevê alta de 3,9%.

Essa mudança de direção nos preços, mesmo que temporária, tem impacto no orçamento das famílias, já que reduz o espaço para gastos com outros produtos. Braz destaca que, em média, as famílias gastam 16% de sua renda com a compra de alimentos.

—O El Niño pode comprometer as safras de 2023 e 2024. Para este ano, o efeito que já estamos percebendo, mas que também é típico desta época, é o aumento dos alimentos in natura. Hortaliças, legumes e frutas sobem muito. Isso é tradicional, mas essa alta parece ser um pouco maior pelo El Niño, que vem intensificando as ondas de calor e chuvas em algumas regiões do país — afirmou Braz.

Em outubro, a inflação no domicílio subiu 0,27%, após quatro quedas seguidas.



Marchinhas e mais caras. Hortaliças e verduras resistem menos tempo no calor; comerciantes tentam reduzir perdas de alimentos motivadas pelo clima

A estrategista de inflação da Warren Investimentos, Andréa Angelo, diz que, em 2024, a inflação de alimentos pode chegar a 6,6%, com impacto centrado no primeiro trimestre, em um cenário de fortes efeitos adversos do El Niño. Caso o cenário se mostre mais benigno, espera alta de 4%.

FLUTUAÇÃO MAIOR DE PREÇO
O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou ontem, durante o evento "E agora, Brasil?", promovido pelo GLOBO e pelo Valor, que as discussões sobre

mudanças climáticas já chegaram aos bancos centrais. —O número crescente de desastres climáticos que estamos vendo tem influência no mandato do Banco Central já que gera uma grande instabilidade de preços em energia e alimentos — afirmou. —Eu tenho uma preocupação talvez maior com esse tema do que a média dos bancos centrais. Talvez por estar no Brasil e ver o impacto que a gente está tendo. Ele disse que isso traz mais volatilidade aos preços, o que significa mais incerteza. — Não dá para dizer que o

preço de alimentos vai subir, mas dá para dizer que vai ser mais volátil, ou seja, vai ser mais flutuação de preço. **SOMBRINHA PARA PEPIÑO**
Nos cálculos do Santander, a inflação em domicílio vai encerrar o ano com queda de 1,20%, mas em 2024 deve subir 3,7%. —Orens in natura sentem os dois extremos, tanto chuvas quanto calor excessivos. A questão das chuvas no Sul e no Sudeste afetou a inflação de produtos como tubérculos, hortaliças e frutas — afirmou

Adriano Vallada, economista do Santander. A onda de calor levou comerciantes a adotarem estratégias para reduzir as perdas com alimentos, desde proteger os produtos do sol até reforçar a refrigeração nas gôndolas dos supermercados. Na Cesa-RJ, em Irajá, na Zona Norte, Betânia Okano, dona de uma barraquinha de legumes, recorreu a uma sombrinha para proteger bandejas de pepinos, brinjelas, abobrinhas, vagens e pimentões do sol quente. — Os legumes estão mais fracos, sem cor. O ji-



Para permanecer úmidas. Comerciante rega plantas para protegê-las do calor

lô, por exemplo, está ficando muito amarelado. A sombrinha dá uma quebra no sol — disse.

Enquanto alguns legumes resistem mais, as frutas acabam ficando mais vulneráveis ao calor. O comerciante Flávio Marinho calcula que a perda diária de frutas como morango, uva, pêssego, ameixa e maçã, que era de no máximo 20 caixas, já dobrou nesta semana.

— Tudo está vulnerável. O morango, por exemplo, até vem refrigerado, mas chega aqui e fica desprotegido, no calor. Ai não tem para onde correr — afirmou.

TRANSPORTE DE MADRUGADA

Com as perdas aumentando, o preço dos alimentos sobe. Na barraca de Flávio, a caixa de bananas — que custava R\$ 60 — agora sai por R\$ 100. Já as quatro caixas de morango, que até a semana passada eram vendidas por R\$ 12, já custam R\$ 20.

No caso das verduras, a situação é ainda mais dramática. Produtor de Teresópolis, na Região Serrana do Rio, Evandro Lima observa que, antes, chegava ao Cesa-RJ com cerca de 150 caixas de verduras. Nos últimos dias, foram apenas 40. Com menos oferta, o preço sobe: a caixa de alface saltou de R\$ 15 para R\$ 40, um aumento de 167%.

—A alface chega murcha, o brócolis logo amarela, o repolho fica com as folhas queimadas, o tomate sai da plantação ainda meio verde mas chega aqui já quase estragado. Tudo está piorando. Antes mesmo de colher a produção já está murcha, queimada — lamenta.

A rede de supermercados Mundial transferiu o transporte de legumes para a madrugada, em busca de algum frescor, e contratou caminhões refrigerados extras para as frutas, antes levadas às lojas em veículos comuns.

—As hortaliças a gente já transporta de madrugada, direto do campo, sem intermediários. Quando chega na loja, elas ficam estocadas numa sala climatizada e sendo repostas na área de venda. Agora instalamos vaporizadores, que associados ao ar-condicionado da loja mantêm as verduras úmidas frescas por mais tempo — afirmou Josie Montebello, responsável pelo setor de Qualidade do Mundial.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 13